

# Nietzsche e a filologia, a filologia e Nietzsche.

Minhocas e tesouros.

A pesquisa das fontes e a  
“biblioteca ideal” de Nietzsche\*

Giuliano Campioni\*\*

**Resumo:** Neste artigo, o autor justifica a importância que tem o trabalho editorial realizado por Colli e Montinari para a compreensão da filosofia nietzschiana no século XX. Considera, portanto, que o exaustivo trabalho com as fontes de citação do filósofo e com anotações e correspondências, muitas inéditas, ou consideradas irrelevantes por alguns pesquisadores, ou utilizadas de forma arbitrária e descontextualizada, podem, se bem organizadas, fornecer informações preciosas para a definição da identidade filosófica de Nietzsche. E, para tanto, argumenta ser necessário enfatizar a atividade filológica do próprio Nietzsche. Destaca, por fim, o quanto é útil o aparato para a organização dos escritos nietzschianos feitos por Colli e Montinari, que possibilitaram corrigir equívocos históricos de interpretação.

**Palavras-chaves:** Colli – Montinari - filologia – aparato

1. Não me ocuparei neste texto sobre o quanto a *Nietzsche-Forschung* deve ainda trabalhar para definir com mais precisão o nascimento da identidade filosófica de Nietzsche em relação à sua profissão como filólogo, exercida de várias maneiras, de vários ângulos, até o abandono da cátedra da Basileia, em 1879, e acompanhada de uma contínua reflexão crítica.

---

\* Tradução de Oclécio das Chagas Lacerda.

\*\* Professor da Universidade de Pisa, Pisa, Itália. E-mail: g.campioni@fls.unip.it.

Nietzsche identifica desde cedo duas figuras no *Fausto* de Goethe que podem encarnar as atitudes da prática filológica, criticadas aliás já nos anos de Leipzig: a figura do doutor Fausto e a do seu criado Wagner, ávido de aprender com ele a partir de livros e de pergaminhos.

Ao estudar Demócrito, Nietzsche se depara com a figura “faustiana” de Trasilo, autor alexandrino da lista dos escritos democritianos. Nietzsche dedica algumas belas páginas a essa ambígua figura, historiador da literatura, astrólogo do imperador Tibério e seu confidente. Trasilo é “uma daquelas misteriosas naturezas que podemos observar muitas vezes na penumbra entre um mundo antigo que morre e um novo que surge”; ele se digna a “dedicar-se à filologia”, mas depois a abandona, tomado pelo “desgosto faustiano pelas ciências”, para dedicar-se à magia. A tal respeito Nietzsche escreve:

Se tal natureza se dignou um dia em dedicar-se à filologia, temos todo o direito de levantar as sobranceiras e manter os olhos atentos a estes estranhos trabalhadores. Sua forma de proceder em questões filológicas nos fez ver Goethe no espelho do seu Fausto. Recordemos o horrível método com que Fausto trata o começo do *Prólogo de São João* e admitamos o digno sentir de Wagner de que Fausto, pelo menos para um filólogo, é o mais depravado: pensemos também em seu desprezo revelador pelo “pergaminho” (Nachlass/FP 1867-1868, KGW, I/4, 58[41]).

Fausto, como filólogo horroriza: vejamos o porquê na tradução que realiza do início do Evangelho de João. Ele distorce o sentido impulsionado pelos seus interesses filosóficos e pessoais. “*Im Anfang war das Wort!*” torna-se “*im Anfang war der Sinn*”, “*im Anfang war die Kraft!*” e, finalmente “*im Anfang war die Tat!*”. Fausto afirma que o “pergaminho” não é a fonte: “não terás descanso algum senão daquilo que brota da alma”.

Mas este sentimento em relação ao Fausto “é digno de um Wagner” incapaz de compreender a inquieta grandeza do mestre:

**Wagner:**

Me sou dado com muito empenho aos estudos.

Certamente já conheço muito. Mas gostaria de saber tudo.

(sai)

**Fausto**

(sozinho)

Como não perde todas as esperanças

somente quem se obstina em busca de coisa nula

Escava com mão ávida em busca de tesouros

e é todo contente se encontra minhocas!

(Goethe, Fausto vv. 600-605).

A ideia de tradução, pela qual somente os grandes podem perceber o grande, somente os clássicos podem definir o clássico, o duro juízo sobre os estudos filológicos da sua época, sobre sua confusão metódica, a sua angústia e a sua incapacidade de compreender verdadeiramente o espírito da antiguidade, se torna frequente nos escritos de Nietzsche, assim como nas cartas deste período [1867-8]. “O verdadeiro santo da filologia”, o verdadeiro filólogo e mártir desta ciência, Nietzsche identifica em Wagner, o criado filisteu do Fausto de Goethe: “todo estúpido historiador da literatura se julga no direito de urinar em cima dele: este é o martírio. E sabe como se chama? Wagner, Wagner, Wagner! Ah, que livro perigoso é o *Fausto* de Goethe!” (Carta de Nietzsche à Deussen, de setembro de 1868).

Para dar expressão a tudo isto, Nietzsche recorre a uma analogia derivada de Schopenhauer: “Também os nossos máximos talentos filológicos são apenas meros funcionários”; do ponto de vista mais alto, eles são “trabalhadores a serviço de qualquer grande semideus da filosofia” (os “estranhos trabalhadores” descritos nas anotações sobre Trasiló). Ressalta-se que, com a reivindicação da necessidade de uma “visão abrangente” contra uma ciência “degenerada” e pobre em criatividade, que se concentra nos os meios de perder de vista o fim, a exaltação aos filólogos que “estão sempre curvados sobre as letras singulares e “aprendendo a julgar em

maior escala”, Nietzsche exprime um mal-estar difundido na segunda metade do século XIX. O mesmo Ulrich von Wilamowitz pinta em cores escuras a época seguinte à morte de Gottfried Hermann, em que “todos eram escravos da sua fé no ‘método’, o único capaz da fornecer a beatitude”, e que a prática das especulações tornou-se um fim em si mesmo. Nietzsche usa várias vezes, a propósito do trabalho dos filólogos de seu tempo, a imagem do escavar cego das toupeiras em busca de minhocas.

Vejo de perto aquele formigueiro repleto de filólogos dos nossos dias; tenho que contemplar a cada dia este atarefar-se das toupeiras, com a cavidade maxilar dilatada e o olhar cego, contentes de terem pegado uma minhoca e indiferentes aos verdadeiros e urgentes problemas da vida (carta à E. Rohde, em 20 de novembro de 1868).

Para caracterizar o filólogo, Wilamowitz usará cores fortes, referindo-se também à figura de Wagner:

Quem cava incansavelmente em busca de tesouros e fica contente quando encontra minhocas, em breve procurará minhocas. Não debes desanimar e parar de procurar tesouros se por uma vez encontrar minhocas, mas debes jogá-la fora. Se quiseres compreender um verso, uma poesia, um artigo de lei, um filosofema, ou um deus, debes colocar-se em uma alma desconhecida, em uma individualidade desconhecida<sup>1</sup>.

Mas Wilamowitz não pôs em dúvida a eficácia pedagógica e a ideal da filologia para a juventude alemã, enquanto Nietzsche, com o *Nascimento da tragédia* – livro “centauro” – fez explodir as contradições e as tensões internas (impulso pedagógico, estético, científico, cognoscitivo, etc.) que a palavra “filologia” escondia. E cada

---

1 Cf. U. von Wilamowitz-Moellendorf, *Erinnerungen 1848-1914, Filologia e memória*, Nápoles, 1986, p. 142.

vez mais Nietzsche se distancia das ilusões de um “renascimento” da civilização grega, que vale como cifra ideal para interpretar e mudar o presente:

redescobrir em si o Sul e estender sobre ele um claro, esplêndido, misterioso céu do Sul; recuperar a saúde meridional e a potência da alma; tornar-se gradualmente mais vasto, mais supranacional, mais europeu, mais oriental, enfim, mais grego – já que os gregos foram a primeira grande unificação e síntese de todo o mundo oriental e, precisamente por esta razão, o início da alma europeia, a descoberta do nosso “mundo novo” (Nachlass/FP 1885 41 [7], KSA 11.681-2).

2. Também não me ocuparei neste texto sobre o quanto ainda resta a ser feito na *Nietzsche-Forschung*. Farei referência apenas aos aparatos críticos que ainda faltam para os cinco volumes da *Zweite Abteilung* da *Kritische Gesamtausgabe*, os escritos filológicos publicados por Nietzsche e às anotações para as aulas na Basiléia. Vale lembrar os problemas que surgem em decorrência do estatuto particular dessas aulas, que, muitas vezes, carecem de originalidade no conteúdo e na sua disposição, que como professor devia seguir uma ordem bem precisa por exigência didática. O texto, em muitos casos, é uma colagem de citações de importantes manuais da época, estudos eruditos e antologias; a maior parte são, portanto, materiais de segunda mão. As referências são, muitas vezes, implícitas e se misturam a observações e comentários pessoais. E ainda, as aulas, mais do que os textos filológicos destinados à publicação, são necessárias para compreender o percurso de Nietzsche, assim como a diversa e concreta avaliação da civilização grega desenvolvida em sua obra *O Nascimento da tragédia*, plenamente envolvida na fascinante “metafísica da arte” wagneriana e na vontade de um renascimento do trágico na Alemanha. E certamente, também neste caso, é de fundamental e decisiva importância o trabalho com as fontes para a definição do texto, as avaliações pessoais, as escolhas feitas pelo filólogo/filósofo/professor.

Nesta minha intervenção, gostaria de destacar alguns momentos da reflexão de Mazzino Montinari sobre o tema da “biblioteca ideal” de Nietzsche – como ele gostava de definir o conjunto das leituras documentadas do filósofo – para melhor compreender a radical novidade e o sentido da pesquisa das “fontes”, muitas vezes mal interpretada em um sentido restrito ou, até mesmo, em um sentido positivista. A reflexão de Montinari é mais útil hoje, quando a pesquisa conhece uma vigorosa retomada dos estudos sobre Nietzsche, uma potente investigação, enormemente facilitada pelo uso de instrumentos de informática e pelos aparatos de pesquisa. Na atual circunstância, este trabalho mecânico poderia se tornar uma atividade cega, um fim em si mesmo e, talvez, em algum caso, possa se tornar isto, se não for acompanhada pela consciência do sentido pleno deste trabalho, que é apenas um momento importante para uma aproximação e uma compreensão mais adequada do autor e de seu percurso. A descoberta de uma fonte igualmente importante – direta ou indireta, implícita ou explícita – não deve levar a uma simplificação da complexidade do desenvolvimento, a qualquer tipo de censura das diversas contribuições culturais e filosóficas que são raramente únicas: intrincados, entrelaçados, contaminados, incorporados, até perder os traços originários. Na maioria dos casos, portanto, é necessário identificar a fonte ou as fontes indiretas, as mediações, inclusive ocasionais, que levam Nietzsche a anotar uma frase ou uma sentença, a desenvolver uma sugestão ou uma crítica.

Pretendo dar um único exemplo a este título. Na página 194 do caderno W II 3 (novembro de 1887 - março de 1888), Nietzsche anota uma série de sentenças, algumas das quais são reelaboradas para *O crepúsculo dos ídolos*, quase todas feitas a partir de suas leituras francesas (sobretudo Galiani, depois Sully Prudhomme - citado por Desprez - e Bérard-Varagnac). Assim também na citação de Virgílio: “*notum quid foemina furens* Virg. Aen. V. 6” (fragmento 11[19]), a equipe de trabalho do aparato crítico para *Abteilung IX*, dirigida por Marie-Luise Haase, indicam a fonte nas cartas de Galiani à Madame d’Épinay (*Nachbericht* zu KGW IX p. 151).

A fonte do lema da *Divina Comédia* de Dante (“como o homem se eterniza (Inf. XV, 85)”, fragmento 11[21]) não indicada pelos editores, foi por mim indicada em *As Origens do Renascimento na Itália* (1879) de Emile Gebhart. As primeiras duas sentenças da página são: “*En amour, la seule victoire est la fuite. – Napoleon*” (fragmento 11[11]) e “*canis reversus ad vomitum suum*” (fragmento 11[12]). Neste caso, são identificadas somente as fontes originais: ou seja, *Máximas de guerra e pensamentos* de Napoleão (Paris, 1863) e o *Novo testamento* (2. Petrus 2,22). A fonte direta de Nietzsche, no entanto, é o romance de Paul Bourget, *Mensonges* (Lemerre, Paris 1887) onde é possível encontrar as duas máximas nas páginas 296 e 466. Essa indicação, tão significativa, que afirma o grande interesse de Nietzsche pelo “psicólogo” francês, é expressa aqui pela primeira vez. Também no caso da sentença de Cícero (“*si hortum cum bibliotheca habes, nihil deerit. Cícero*”, fragmento 11[19]) é provável que a fonte direta, ainda a ser identificada, seja a leitura de um autor contemporâneo. Estas anotações, em particular aquela do romance de Bourget, confirmam a centralidade das leituras francesas de Nietzsche. Essa pesquisa permitiu assim uma melhor definição da relação do filósofo como a *décadence* e com o niilismo.

Outro caso curioso é o do fragmento 11[337] (posterior a primavera – outono de 1881) em que, com o título de *Gaia Ciência* (e é a primeira vez que a expressão aparece) Nietzsche apresenta uma lista de gêneros poéticos provinciais:

Gaia Ciência.

Albas	Morgenlieder [canções da manhã]
Serenas	Abendlieder [canções da noite]
Tenzoni	Streitlieder [canções polêmicas]
Sirventes	Lob- und Rügelieder [canções de louvor e de censura]
Sontas	Lieder der Freude [canções de alegria]
Laïs	Lieder des Leides [canções de dor]

Para *Lieder der Freude* encontramos um erro de decifração: *Sontas*, cujo termo não faz sentido, no lugar de *Soulas* (Solatz, *Solacium*: no latim clássico e no da igreja significa consolação; na linguagem trovadoresca prevalece o significado de alegria; em italiano: *sollazzo*). Os estudiosos, para identificar, pensaram em qualquer texto erudito lido pelo filósofo: a fonte, surpreendentemente, desta anotação é, ao contrário, o difundido guia de Theodor Gsell-Fels, *Süd-Frankreich, nebst den Kurorten der Riviera di Ponente, Corsica und Algier*, ainda preservado na biblioteca de Weimar, que Nietzsche envia a sua mãe em Veneza (carta de 27 de março de 1880). Gsell-Fels, que será conhecido, sobretudo, pelos seus numerosos guias de viagem muito bem editados, com várias edições atualizadas (Nietzsche tinha também *Italien in sechzig Tagen*; Leipzig: 1878), era um estudioso suíço de ampla e variada formação cultural. As páginas da qual Nietzsche tirou as suas indicações, dedicadas à Província, valorizam a civilidade do *gai saber*. Nesta mesma direção, Nietzsche encontrou em outros autores (*in primis* [especialmente] no Stendhal do *De l'amour*), em consonância com o seu radical projeto de *Aufklärung* que o leva a ver naquela civilização híbrida, que reúne a tradição da refinada cultura árabe-espânica, as origens da melhor Europa, longe de fanatismos e crenças autoritárias.

Às vezes, uma pista que parece de pouca importância (como uma minhoca que se pode jogar fora) pode abrir o caminho para a exploração de temas importantes e pouco estudados. Uma pesquisa, com o aparato, do volume V do *Epistolário* (ed. Adelphi) identificou os artigos enviados por Nietzsche para fornecer informações e garantias sobre o terremoto de Nice. Tais artigos são provenientes da “*Gil-Blas*”, diário parisiense de caráter predominantemente literário e satírico, que tinha entre seus colaboradores Bourget, Zola, Catulle Mendès, Villiers de L'Isle-Adam, além de Maupassant, que ali publicou vários de seus contos e diversas crônicas. Uma delas é a crônica do terremoto, publicada por Maupassant em 01 de março, que Nietzsche anexa à carta para Emily



Fynn, por volta de 04 de março de 1887 (um detalhe de jornal não conservado) como “o único relato objetivo do evento que pude encontrar até agora – feito sobre o promontório de Cap d’Antibes” – escreve. A atividade de Maupassant era, na década de oitenta, intensa, quase frenética, plena de sucessos e reconhecimentos, o que se constata com a sua colaboração a “Gil Blas”, com contos e crônicas artísticas e mundanas. Nietzsche certamente teve a oportunidade de ler mais de um escrito de Maupassant para chegar ao julgamento – que pressupõe uma boa familiaridade – formulado em *Ecce homo*: “[para destacar] um da raça forte, um latino autêntico ao qual sou particularmente afeiçoado” (EH/EH, Por que sou tão esperto, 3, KSA 6.284). Os temas em consonância são muitos: a naturalidade, a energia e o Sul, o frescor da visão, a plenitude da vida com um fundo pessimista, o olhar desencantado, a “psicologia” e as análises. Entretanto, na biblioteca de Nietzsche, em Weimar, do escritor francês encontra-se apenas o importante ensaio introdutório às correspondências entre Flaubert e George Sand. Ensaio este que é uma das principais fontes para o juízo formulado sobre Flaubert, apesar de prevalecer para o filósofo a impressão negativa, romântica, niilista, encontrada nos ensaios de Bourget sobre o autor francês.

Dá a importância dos jornais com os quais Nietzsche se informava regularmente. Houve um caso em que ele confirmou a leitura do “*Caffaro*” de Gênova para mostrar seu conhecimento atualizado sobre crítica musical nos confrontos entre Bellini e Paisiello, que “derivam suas causas daquelas músicas cantadas em Catânia” (carta a Heinrich Köselitz, Gênova, 24 de março de 1883).

A maior acessibilidade às fontes, que se tornou possível pela potência dos atuais instrumentos de pesquisas, pressupõe um conhecimento vasto e aprofundado de todos os escritos de Nietzsche e de todas as suas correspondências, da sua biblioteca com os indícios de leitura, das afirmações de seus contemporâneos, etc. Somente com estas trabalhosas premissas é possível que as consideradas “fontes” sejam bem definidas, avaliadas e interpretadas:

somente desta maneira é possível compreender, por exemplo, cartas como aquela endereçada à Meysenbug que, de outra maneira, seria abandonada ao delírio:

À Malwida von Meysenbug

Turim, em torno de 04 de janeiro de 1889.

Apêndice à *Memória de uma idealista*.

Embora Malwida seja notoriamente Kundry, que riu em um momento em que o mundo vacilava, todavia isto será muito perdoado, porque muito me amou: veja o primeiro volume das *Memórias*... Admiro todas estas almas eleitas em torno de Malwida. Em Natália vive seu pai e eu também.

O crucifixo

Sobre este assunto, mostrei recentemente num artigo<sup>2</sup> toda a complexidade das referências que dão também o sentido da ruptura final com Malwida. Mas basta dizer como Kundry – com o qual Nietzsche rompe – é ligada tanto à Parsifal/Cristo/Nietzsche quanto à Klingsor/Wagner (“mago de todos os magos”) – como defini no *Caso Wagner* e como a expressão “muito me amou” se refere não à pessoa Nietzsche mas, como a carta indica (“veja o primeiro volume das *Memórias*”), ao amor juvenil de Malwida pelo pastor luterano revolucionário Theodor Althaus. Malwida via nele, pelas suas posições sociais professadas, a figura ideal de um novo Cristo. Malwida entendeu a referência e na sua carta de janeiro de 1889, à Olga Monod, escreve:

O bilhete de Nietzsche é monstruoso; ou é totalmente louco ou se trata de uma brincadeira de todo modo mal endereçada. Está sempre

---

2 CAMPIONI, G. “Kundry che ride”. Nietzsche contra l’“idealista” Malwida von Meysenbug. In: *Da quando siamo un colloquio. Percorsi ermeneutici nell’eredità nietzschiana. Studi in onore di Carlo Gentili*, Aracne, ROMA 2011, p. 37-57.

espiritoso e o duplo sentido é compreensível, fala em nome de Cristo, mas vejo claramente que nele há decepção por não poder se comunicar comigo, porque eu não respondi a sua última carta e ele quis retomar o contato. Pobre homem, me faz pena.

3. É necessário, então, retornar à reflexão de Montinari, nas suas primeiras estadias em Weimar, quando trabalhava na definição do texto dos primeiros volumes da edição Adelphi. Desde o início aparece central a Montinari este trabalho da “biblioteca ideal”, tanto para a edição e seu aparato crítico, quanto para uma nova interpretação de Nietzsche. Em um escrito de reflexão sobre as “leituras de Nietzsche”, datado de 26 de janeiro de 1967, ele escreve:

Um capítulo a ser reescrito – ou melhor, ignorar a tentativa de Andler – de escrever pela primeira vez sobre as leituras de Nietzsche. A bibliografia “erudita” – a começar por Gast – não *queria* fazer uso destas fontes preciosas para não “diminuir N.”. A correspondência filosófica (Löwith – Jaspers? – Heidegger) adquiriu menor importância dessas correspondências “ideais” descobertas entre os pensamentos de N. e aqueles de Hölderlin – Hegel – etc. etc. Os “inimigos” de N. – em primeira linha os wagnerianos – fizeram as tentativas mais ardorosas para destruir a originalidade de N., encontrando ora aqui, ora ali os autores que ele teria copiado (por ex. Bourget). Ch. Andler foi a única tentativa – mas inoportuna. O culto não tem necessidade da “crítica”, a filosofia evitava o problema, os inimigos tinham muita necessidade da crítica.

O testemunho dos seus contemporâneos revela o quanto, para Nietzsche, suas leituras eram variadas e importantes para a trama de seus textos: cito o depoimento de Meta von Salis, uma amiga, escritora suíça, que falou a este respeito, de “*le flair du livre*”:

Obviamente, entre nós, tínhamos conversado de livros e escritores. Nietzsche tinha *le flair du livre* e lia muito, apesar de seus olhos doentes. Quando uma frase o golpeava pela sua profunda significação ou

beleza, a repetia várias vezes na minha companhia [...] Como quase todos os bons leitores, ele sublinhava algumas passagens ou anotava a margem. Assim, uma parte da vida de seu espírito é conservada, de qualquer modo, nos seus livros.

A reconstrução da “biblioteca ideal” de Nietzsche – como indica Montinari – está vinculada ao início da “má sorte” histórica do filósofo, a uma vontade de mitificação ou difamação em torno de sua figura. As duas medíocres vestais, sacerdotisas de cultos rivais, Cosima Wagner e Elisabeth Förster-Nietzsche, se convenceram mutuamente sobre a centralidade das leituras de Nietzsche: Cosima, para difamar o “malvado” autor de uma traição; Elisabeth para exaltar a universalidade do “gênio” de seu irmão.

Ambas as vestais estavam longe de compreender o quanto, por meio da assimilação e original reação ao próprio tempo, por meio da riqueza e variedade de leitura, Nietzsche, desde os primeiros anos de juventude, havia construído pacientemente a si mesmo e os seus estilos. Os cadernos de bolso daqueles primeiros anos nos mostra contínuos projetos e notas de leitura. Os livros, dos quais é frequente a pesquisa nas cartas, constituem a nutrição vital para sua formação. A relação com a leitura é e continuará sendo um objeto constante de reflexão. Existe em Nietzsche uma vontade inicial de não suportar as fortes paixões do seu temperamento: a necessidade de transformá-lo, dominá-lo em consciência crítica e conhecimento. Daí a assimilação contínua, quase incorporação, de leituras, em uma mutável reflexão crítica e intelectual, uma consecutiva experimentação de escritos e de estilos que pertencem inteiramente a sua voluntária construção de si. Também não devemos esquecer que Nietzsche foi filólogo: como tal, se ocupou por um longo tempo – profissionalmente – de fontes, de leituras, das estratificações do “texto”, das forças que o atravessam para decifrá-lo e trazê-lo à luz. E uma natureza “telúrica” e apaixonada como aquela de Nietzsche, somente por pouco tempo poderia manter sua restrição, livremente escolhida, feita de ininterrupta leitura, de rigor e

precisão da informação bibliográfica com a sensação de “estar murado entre os livros”: “o douto, no fundo, não faz senão ‘compulsar’ livros – quase duzentos ao dia para o filólogo médio”. Nietzsche, como é notório, permanecerá fiel à paciência e probidade da filologia como a arte de ler bem (“quer se trate de livros, de curiosidade jornalística, de destinos ou de fatos meteorológicos – para não falar da ‘salvação da alma’”) e queria “um leitor como o mereço, que me entenda como os bons filólogos entendiam o seu Horácio”. Se Nietzsche reivindica, muitas vezes de forma polêmica, seguindo os passos de Schopenhauer, a necessidade de independência da leitura para a espontaneidade do pensamento, isto nada tem a ver com a imagem caricatural que nasce de uma equivocada veneração, de um Nietzsche alheio e hostil a cada leitura e que, cheio de inspiração e com ciúme da sua genial independência, escreve, enquanto caminha, deslumbrantes aforismos e máximas para reaparecerem, talvez em oportunos brevíários (este também não foi poupado), por meio de oportunas citações em pílulas de sabedoria.

O filólogo Nietzsche nos deixou uma reflexão sobre a utilidade de uma pesquisa nas fontes que pode ser o emblema daqueles que acreditam neste trabalho não apenas como um “encontrar minhocas”:

A pergunta “quais livros utilizou um autor” tem pouca esperança de encontrar uma resposta precisa, se aquele autor tem uma cabeça superior aos escritores que alcança, se utiliza com plena liberdade e transforma em algo diverso o material que pegou deles, imprimindo-o a marca da sua própria individualidade. (...) O que buscamos quando procuramos as fontes de um autor? Nós somente fazemos isto se tivermos a possibilidade não de colocar um nome no lugar de outro, mas de trocar conhecimento com conhecimento: um livro deve se tornar mais compreensível na sua forma, no seu conteúdo intelectual; queremos ver algo mais do livro acabado, queremos ter diante dos olhos a gênese de um livro, a história da sua concepção e de seu nascimento (...) queremos que o processo do seu tornar-se se revele lentamente diante de nossos olhos.

4. Montinari está ciente, desde o início de seu trabalho em Weimar, da importância da pesquisa sobre as leituras de Nietzsche: os seus primeiros cadernos de anotações confirmam o interesse pelos volumes da biblioteca de Nietzsche e pelas suas anotações, dos quais inicia a transcrição. Em um caderno, com o título *Nietzsches Bibliothek*, Montinari elenca, em oito páginas, os volumes do depósito de Weimar, assinalando no canto de cada volume, com o número 1, a presença de “sublinhado”, com o número 2, a presença de “sublinhado e aprovação ou desaprovação”, com o número 3, a presença de “comentários próprios e verdadeiros”.

O método para a pesquisa das fontes de citações é muito empírico, mas também o único praticável:

[...] devo pegar o livro de Nietzsche e pesquisá-lo, atento para encontrar as citações que desde já me zunem todas juntas no cabeça, do IV ao VIII volume (exceto o VI). Cada minuto livre me dedico a este trabalho. Na verdade, até mesmo para o VI encontrei algo, sobretudo para a GD, no jornal dos Goncourt: principal fonte de N. sobre a França decadente (carta à Colli, de 21 de dezembro de 1964).

E, ainda, como exemplos deste trabalho:

Ontem e sábado não te escrevi: em compensação trabalhei (muito) nas citações, com poucos resultados, porque – como tu sabes – se trata de um trabalho que, quanto mais se progride mais difícil se torna. [...] As citações de Burckhardt sobre os gregos são impossíveis de encontrar, pelo menos acredito nisso por enquanto. Emerson é uma mina de ouro *para todos os nossos volumes*. Trabalhei com o Emerson-Exemplar: tudo decifrado, exceto uma passagem, a qual retornarei (14 de dezembro de 1964).

Os empréstimos de Nietzsche dos livros que lia superaram as previsões, pelo menos as minhas. Por exemplo, a página inteira sobre o destino de Goethe na Alemanha em WA [O Caso Wagner] é um conjunto de

conceitos e de dados extraídos do livro de Viktor Hehn que foram costurados de maneira genial. Em geral, diria que o trabalho sobre as citações, que é menos importante para as obras publicadas de Nietzsche, nas quais não se encontra, senão raramente, a citação no estado puro, é fundamental para os póstumos. Mas é um trabalho que *ninguém* fez antes de nós. Por exemplo, te disse que encontrei dois “aforismos” da WzM atribuídos a N. o que são senão a tradução de duas passagens de Tolstoi e Renan? É preciso estarmos atentos” (19 de janeiro de 1965).

Certamente, a pesquisa das fontes é necessária para a definição do texto de Nietzsche, para conhecer o valor do texto, principalmente em relação aos fragmentos póstumos: pode ir da simples anotação de leitura – algumas vezes retomada e reelaborada em uma longa distância de tempo – às reflexões originais que não são encontradas nos escritos publicados; da primeira elaboração de um aforismo à experimentação de caminhos ainda não percorridos. Muitas vezes, a identificação da fonte permite a correção de erro nas decifrações: a correspondência entre Colli e Montinari nos oferece vários exemplos e, também recentemente, os resultados da pesquisa levaram a significativas correções do texto.

Deste modo, com um trabalho paciente, a imagem de Nietzsche vem pouco a pouco sendo definida com mais precisão no seu tempo histórico, na reação original ao ambiente cultural (em particular a França de seu tempo) e se modificando contra as simplificações ideológicas e as mitificações históricas: “O resultado científico mais importante do meu trabalho atual ao aparato crítico da edição é uma lista de cerca de 200 livros dos quais Nietzsche diretamente ou indiretamente se ocupou entre o verão de 1882 e o outono de 1885”.

A pesquisa que permitiu a realização do novo catálogo da biblioteca de Nietzsche está fortemente ligada às lições de Mazzino Montinari e a sua concepção do trabalho histórico e filológico. Para ele, o trabalho de edição não foi certamente um percurso de certezas e garantias baseado, de modo positivista, no fetiche dos dados e dos “textos”, nem exercício puramente destrutivo de incrustações

míticas em nome de novas, conquistadas com firmeza, mas antes escola de prudência e refinamento metodológico. Nele há, desde o início, a plena consciência que “ser histórico significa não poder jamais esclarecer-se totalmente em autotransparência”. Daí o esforço, o empenho contra o encurtamento da “generalização”, da prevaricação ideológica, da síntese prematura que obedece a propósitos já estabelecidos. “A cientificidade, para mim não é totalmente um fetiche, mas simplesmente o desejo de fazer um bom ‘trabalho’, como um bom sapateiro faz um bom sapato” (carta à Colli, de 29 de setembro de 1967). E, certamente, para Montinari, história é complexidade e movimento. Este aspecto da pesquisa de Montinari ainda é conscientemente distante e hostil à “positivista” pesquisa das fontes. Não se faz trabalho de *redução*, nem na direção de uma “filologia” positivista, nem naquela do *historicismo*. Em uma anotação de 01 de abril de 1967, ele afirma:

Nenhuma redução de N. serve para compreender a sua personalidade, o *seu* pensamento. – É fácil encontrar a fonte de muitos pensamentos de N. (Teichmüller, por exemplo), mas o elemento modelador, ordenado, explorador deste impulso é N., que tinha certamente um delicado ouvido, pronto para advertir muitas coisas que escapavam aos outros seus contemporâneos (Bourget, Guyau, etc.).

Voltando ao trabalho de Andler, Montinari destaca como o uso incorreto e arbitrário do material póstumo trai profundamente a intenção de Nietzsche: da análise pontual e filológica dos textos, não por prejuízos ou preconceitos, nasce a convicção, reiterada várias vezes, do caráter experimental e aberto do *Nachlaß*, contrário ao fechamento – que se tornou bem cedo o fetiche do *Hauptwerk* – realizado com *Der Wille zur Macht*.

A relação muito estreita de Nietzsche com o *positivismo* foi visto, sobretudo, por Andler. A importância de seus estudos: Baumann, Schneider, Espinas... A partir de 83 uma série de cadernos que poderíamos



chamar de estudos: isto deve enfatizar em que sentido foi um grave dano publicar a *Vontade de potência*. Todo este *Nachlaß* deve ser considerado apenas como uma tentativa, autônoma é verdade, em relação às obras publicadas, mas extremamente problemático quanto ao seu valor. Então, a única maneira de vir à tona é aquela da publicação dos manuscritos na sua sucessão. A avaliação é difícil por razões intrínsecas às próprias anotações, que são fragmentadas, muitas vezes contraditórias e afetadas por uma mudança de perspectiva e de estados de ânimo (que naturalmente foi perdido na construção sistemática da *Wille zur Macht*).

Assim escreve Montinari em uma anotação de 05 de março de 1967 sobre o “dano” de se ter publicado a inútil e incerta compilação. A nota também chama a atenção para a “complexidade” em especial do material póstumo, ao levar em conta a diversidade de valor dos textos, que vão das anotações de leituras aos fragmentos originais para a formulação e conteúdo. A análise dos materiais póstumos confirma, para Montinari, a arbitrariedade não somente filológica, mas com um decisivo valor interpretativo da *Vontade de potência*, como forçada sistematização de um material experimental: “As cartas póstumas, que poderiam ter uma função relativa e não dogmática das posições tomadas por Nietzsche, foram utilizadas com a intenção exatamente oposta, isto é, a oferecer um sistema aos vários intérpretes que desejavam ampliar a lista dos sistemas filosóficos com aquele de Nietzsche”.

Montinari também alerta para certas leituras filosóficas, altamente teóricas, que correm o risco de serem cegas. Ele advertia isto em uma anotação, em alemão, do último período:

Combatam duas formas de tolice acadêmica:

1. A tolice dos considerados filólogos que praticam o seu trabalho como uma dissimulação do texto e se satisfazem em procurar as chamadas fontes, perdendo de vista o conjunto de um fenômeno intelectual: exemplo, Nietzsche.
2. A tolice dos filósofos, que amam o seu Nietzsche, um Nietzsche

em formato reduzido, sem jamais advertirem para a necessidade de se perguntar: o que quer dizer realmente quando fala de decadência? Ele e suas questões se encontram de forma isolada no seu tempo? Quais são os seus registros?

Não anuncio nada de bom em ambas as espécies de tolices: nos esforçamos para descobrir certos registros e ainda assim parece que nos encontramos somente no início do nosso trabalho, como no momento em que esclarecemos todas as possíveis fontes. Para o nosso Nietzsche, queremos obter um horizonte nítido, uma perspectiva articulada, de modo que ele possa realmente exprimir-se.

O trabalho histórico privado de compreensão filosófica é cego, o pensamento filosófico sem conteúdo histórico é vazio.

5. O significado e a maneira como foram conduzidos os aparatos da edição de Nietzsche acabaram sendo, entre Colli e Montinari, elementos de duro confronto, algumas vezes feito até mesmo de recíprocas incompreensões, sobretudo, com o lançamento da edição de Gruyter. Disto falei no volume *Ler Nietzsche. As origens da edição Colli-Montinari* (Pisa 1992). Uma troca de correspondência, ainda inédita, entre os dois amigos, fornece elementos que podem deixar mais claro os motivos da diferente abordagem sobre este tema. Na carta de Weimar, de 31 de outubro, a Giorgio Colli, Montinari fala de seu confronto com Karl Schlechta e Eckhard Heftrich, em um programa de rádio de caráter cultural, realizado em Heidelberg:

Em Heidelberg, o encontro com Schlechta ocorreu melhor do que o previsto. Em certo sentido, Schlechta me fez sentir que valeu pena. É um homem com cerca de sessenta anos, muito vivaz, de modos simples (por exemplo, não tinha gravata). Nietzsche deve representar para ele uma espécie de sombra do passado, ao qual estão ligadas lembranças desagradáveis. O meu outro interlocutor, Heftrich, falando-me depois da gravação de nossa conversa, disse que Schlechta seria um nazista “arrependido”, que tem em relação a Nietzsche uma espécie de complexo traumático. Isto poderia explicar muitas coisas. [...] O que eu quero

dizer é que para compreender a filosofia de Nietzsche é necessário – como ponto de partida – conhecer os textos. A edição por si mesma não contém uma interpretação – então disse – mas é prematuro dizer “não haverá nada de novo” sem primeiro conhecer um *Nachlass* que é novo, pelo menos um terço. Então eu dei alguns exemplos e finalmente acredito ter me encontrado em uma posição de vantagem. A discussão foi viva, mas cortês. Eu gradualmente fiquei nervoso e então expliquei a Schlechta como nós organizamos os cadernos. Ele acreditava que nós organizamos novamente de forma sistemática todos os fragmentos seguindo as obras de Nietzsche, isto é, atribuindo este o aquele fragmento a uma obra publicada, sem levar em conta os cadernos e a sua cronologia. Quando percebeu de que modo o *Nachlass* foi publicado, Schlechta disse que estava satisfeito e “tranquilizado”. A discussão durou 80 minutos. Pena que na Itália não foi possível ouvir. Penso em fazer uma gravação, que depois poderemos ouvir juntos na Itália, com o teu aparato. [...] Em Berlim fiz uma xerografia desta minha entrevista e pedir a Hummel para enviar-te uma cópia. Espero ansioso o teu parecer.

O parecer vem como resposta em uma carta de Pisa, de 13 de novembro de 1967, e foi um motivo a mais para intensificar o contraste entre as diversas avaliações do sentido da edição:

Caro Mazzino, te escrevo de Pisa, onde estou para teses de formatura e onde devo permanecer também para dormir. Desde a minha última carta recebi duas de ti e a xerocópia do teu artigo para a rádio alemã. Li este último com atenção e por duas vezes. Sou grato pela primeira parte, com a sua evocação vibrante e muito bem contada dos anos agitados da juventude e dos desenvolvimentos sucessivos da “história de Nietzsche”. Também me fez sorrir que milhões de alemães após a sua *Abendessen*, em busca de estímulos culturais, sejam leitores da história de nós dois. A última parte do documentário é um pouco confusa, mas tu me escreveste dizendo tê-la sistematizada. A parte central, no entanto, historicista e ‘tecnicista’, é decisivamente contra o meu gosto. Tu te colocas na posição de querer corrigir e puxar as orelhas de

Nietzsche, primeiro com o confronto *Ecce homo - Wagner em Bayreuth* (mas Nietzsche quer esconder talvez que em WB puxa com as duas mãos o mestre? Todo o escrito não é outra coisa senão um ‘aspeamento’) e, depois, com a história das fontes ocultas das citações (e que nele há uma impaciente vontade da lei não escrita, que das suas fontes ele deveria falar com seus amigos? Com estas leis não escritas não é o caso de polemizar). Isto não me importa, o que eu lamento não é que tu o escreva em um artigo para a rádio alemã (que me importa a rádio alemã!), mas que este espírito seja operante no aparato. Em geral, o elogio é maior do que a desaprovação. Depois de ler sua prestação de contas da entrevista de Heidelberg fiquei alegre contigo pela calma e segurança com que superou uma difícil situação. A discussão, o quanto entendi, foi definida como uma questão que se referia essencialmente aos teus dois interlocutores e a tentativa era fazer de ti uma personagem secundária. Tu, no entanto, te inseristes com a autoridade adquirida pela tua posição objetiva, mais isso não era fácil, dada também a novidade da experiência.

Deixo no final uma questão para mim desconfortável, mas é necessário que eu fale. Refere-se, aí de mim!, ainda uma vez, a minha discordância contigo em relação à “teoria do aparato [crítico]”.

A crítica nasce da vontade de apontar, por parte de Montinari, um erro nas anotações – um engano de Nietzsche a propósito do tempo da IX Sinfonia de Beethoven. Isto, considerado um excesso, leva Colli a opor-se duramente com aquilo que considera, em geral, uma superfetação filológica do aparato:

Desde os tempos em que estudava Aristóteles, constatei como os comentadores banalizam e *impedem* a compreensão da obra dos grandes e o fazem pontualmente quando querem demonstrar os erros desses grandes. Então, deixemos de denegrir Nietzsche! Tu te comovias no passado, pensando em nosso objetivo de demolir as exaltações e as mitificações de N. Toma cuidado para não cair no movimento antitético, que para mim não é o melhor. Procura “entendê-lo”, se puder! E

diga-me: o que é pior, para o aparato, entre fornecer uma interpretação do gênero e omitir a indicação de umas trinta citações? [...] Tome esta carta azeda como uma contribuição à clareza de nossas relações.

Montinari responde de Weimar (em 20 de novembro de 1967) esclarecendo a sua posição contra o que ele considera como uma injustiça forçada e uma incompreensão preconcebida:

Não sei até que ponto da nossa conversa seja produtivo que eu te diga quais são os pontos da tua carta que me incomodaram e continuam a incomodar, porque me fez ver que estou longe de ti, de uma forma que é difícil de entender: e esta dificuldade, é claro, me incomoda. De qualquer forma, tento, enumerando as coisas não verdadeiras que dissestes contra mim. “Tu te colocas na posição de querer corrigir e puxar as orelhas de Nietzsche, primeiro com o confronto *Ecce homo - Wagner em Bayreuth...*” Em minha entrevista na rádio, a linha de raciocínio era esta: os wagnerianos continuam a ir em êxtase para a quarta extemporânea, apesar de que o Nietzsche de *Ecce homo* afirme ter falado de si mesmo em todos os pontos decisivos da quarta extemporânea. De modo irônico “dei razão” aos wagnerianos, mas não quero certamente puxar as orelhas de Nietzsche e ainda menos “corrigi-lo”. Não me vejo assim tão limitado, de não saber que em toda a história do confronto entre *Ecce homo* e *Wagner em Bayreuth* (e aqui te pergunto se o confronto não deveria ser feito: neste caso terias Nietzsche contra ti, que também cita a página da sua extemporânea, aquela página que eu comentei) o problema decisivo não é que Nietzsche “esqueceu” de falar de Wagner nos pontos decisivos, mas porque, quando releu WB naquele outono em Turim, ele viu a si mesmo tanto na quarta como na terceira extemporânea. Este problema adquire uma importância ainda maior a partir do trabalho historicista e tecnicista que tu desprezas, mas eu também disse muito claramente que “a interpretação de Nietzsche não pode se reduzir a uma micrologia filológico-histórica” e que o aparato é somente um início. Que este início seja “indispensável”, me demonstras tu mesmo, quando afirmas – atacando-me por uma afirmação que eu não

fiz (“mas Nietzsche quer esconder talvez que em WB puxa com as duas mãos o mestre?”) – “Todo o escrito não é outra coisa senão um ‘aspeamento’!”. É preciso lembrá-lo que, se eu, na minha inconsciência filológica, não tivesse estudado um pouco os escritos de Wagner, tu não saberias absolutamente nada do “aspeamento” que WB é? Como vês, me torno “antipático”, mas foste tu que me constrangeu a isto.

Sobre o “espírito que opera no aparato”, quero apenas te dizer que não é o “espírito” de quem quer corrigir e puxar as orelhas de Nietzsche, mas o espírito do qual Nietzsche fala quando – referindo-se ao trabalho dos filólogos para a organização das obras da antiguidade clássica – observa que é muito relevante a existência de pessoas que acreditam que certos textos são importantes para dedicar a sua vida à edição e à conservação desses textos, ou seja, Nietzsche é importante – e tu, se podes, perdoa a minha limitação de filólogo! Que eu, por outro lado, teria como refeição diária e sofrimento – tudo meu, caro Giorgio, mas este é também o meu orgulho! – analisar continuamente e com orgulho todos os problemas do aparato, é algo que tu não entenderias, não apenas a opinião “objetiva”, mas nem mesmo a abnegação pessoal que a mim tanto custa. Eu, porém, o vi em mim mesmo, quando para escrever cinquenta miseráveis páginas curtas sobre Nietzsche não sabia de que parte começar. Todavia, não acredito que eu me arrependa de fazer os aparatos. Se não fosse o bastante, confirmo mais uma vez o meu (não o teu) princípio segundo o qual “a filologia arruína e limita apenas aqueles que já estão arruinados, porque eles nada valem”. O problema para mim é outro: e é o que me mantém acordado, não me desfazendo da filologia dos aparatos, mas estimulando a veia produtiva, com o acréscimo do esforço filológico ao esforço da escrita (escrever como um meio para pensar, como ensina a vida de Nietzsche).

O trabalho com as fontes – e Montinari nas intervenções do último período nos mostra estar bastante atento para isto – está ligado a uma consciência histórica que não promete segurança e contribui de modo determinante para que o texto se torne aberto e dinâmico e assim possa ser restituído plenamente a sua dimensão

temporal. A reabertura segue duas direções: “*após* o texto, *antes* do texto”. A segunda direção é, sobretudo, a mais problemática: o texto se apresenta na sua elaboração, na sua gênese, em todas as etapas documentáveis do desenvolvimento. O extratexto, que entra na gênese do texto (“o caso das leituras quando são proferidas”) é, por vezes, “mais relevante de tudo aquilo que é recolhido no âmbito puramente textual (âmbito da tradução documentada)”.

A pesquisa sobre as leituras de Nietzsche alude a um princípio fundamental seguido por Montinari na sua edição e, de maneira mais geral, a um dos seus resultados mais significativos, ou seja, a publicação integral e em rigorosa ordem cronológica de todo o *Nachlaß* do filósofo. Dispor do corpo dos fragmentos póstumos permite o afloramento daquela cadeia que, a partir do primeiro fragmento, emerge de um pensamento ou de uma expressão que alcança a sua cristalização temática e estilística na obra definitiva. No início desta cadeia, ou no seu interior, muitas vezes uma anotação que, direta ou indiretamente, se refere a uma citação ou a uma leitura realizada no mesmo período do filósofo: a primeira e, por muitas vezes, mais difícil tarefa da pesquisa é precisamente identificar com exatidão a fonte da qual Nietzsche retirou uma determinada citação. Este princípio da “cadeia” é também importante em outros aspectos: cada pesquisa sobre o leitor Nietzsche resulta particularmente profícua sobretudo quando se confronta com o texto ou com o fragmento no qual é possível encontrar uma pista documentada de uma determinada leitura. Neste caso, estamos diante de um testemunho seguro, pois se trata de um texto conhecido certamente por Nietzsche. Partindo deste testemunho, uma comparação com eventuais notas à margem ou outros traços de leitura que permanecem nos livros da biblioteca de Nietzsche, por um lado, constitui uma significativa garantia da autenticidade de tais traços e notas, por outro, permite seguir na sua complexa polivalência o jogo de ressonâncias e refrações, através do qual o filósofo se confrontou com determinados autores. É evidente que uma análise do Nietzsche leitor não se limita ao catálogo de fundo weimariano ou à

consideração dos traços de leitura que permanecem nos livros da sua biblioteca, mas deve primeiramente partir dos seus textos e dos fragmentos do *Nachlaß* para depois reconstituir em todas as suas passagens aquela “cadeia” da qual se falou. Assim chegamos ao segundo, fundamental motivo da importância deste método de reconstrução do texto baseado na reconstrução da “cadeia” entre leitura, fragmentos e texto definitivo.

Desta forma, a investigação sobre a biblioteca de Nietzsche induz a uma reflexão sobre a específica trama do texto nietzschiano. Um dos resultados principais deste método de leitura consiste na mais clara compreensão do desenvolvimento interno do mesmo pensamento nietzschiano, nas suas profundas rupturas e desvios, mas também nos seus inegáveis motivos de continuidade. O próprio fato de que determinadas obras voltam a se encontrar e são relidas em momentos muito diversos e muitas vezes distantes é sintoma dos fios sutis que ligam essas fases evolutivas do seu pensamento; superamos assim a aparência de um movimento arbitrário entre polaridades opostas que, muitas vezes, a obra de Nietzsche pode suscitar, sobretudo naquele que é incapaz de uma leitura “lenta”. O aspecto aberto de seu pensamento é ainda mais visível quando se considera outro elemento que emerge facilmente de cada consideração do Nietzsche leitor: a sua polêmica em relação a determinados autores, que nas suas obras aparece muitas vezes de forma drástica, néctares, quase inexoráveis, foi muitas vezes precedida de uma leitura e de um confronto atento e calmo com as posições das quais tentava se destacar, em alguns casos também da sintomática “incorporação”.

A reflexão sobre as leituras de Nietzsche é um tema central não somente, como é óbvio, para a definição do texto, mas também, para a “individualidade” do filósofo – “sempre mais peculiar quanto mais se consegue colher a posição de Nietzsche na tradição, no seu tempo e no futuro que ele constrói”. O estudo sobre a “biblioteca ideal”, desconstruindo o “conceito filisteu de originalidade”, também significa ir muito além da perspectiva inicial



da edição: serve para sair de Nietzsche como um indivíduo e a restituí-lo como parte da história. Isto é bem claro em uma anotação de Montinari – não datado, em um folheto solto – do último período, que gosto de citar como indicação de um trabalho que tenho tentado fazer nestes últimos anos.

A que coisa serve a pesquisa sobre a biblioteca de Nietzsche? Para construir uma ponte em direção à cultura do tempo de Nietzsche, a sua (de N.) originalidade não tem nada a fazer nesta construção, se trata de reconstruir uma atmosfera homogênea comum a todos que viveram, trabalharam e pensaram na Europa daquele tempo. A pesquisa sobre BN não serve apenas para ingressar no pensamento de Nietzsche, mas serve ainda mais para sair dele, para compreender as conexões gerais da história da filosofia, da política, da literatura, da sociedade em geral. Para isolar (tema da *Nietzsche Forschung*) o fermento N. necessita conhecer o local onde este foi cultivado.

**Abstract:** In this article, the author justifies the importance that has the editorial work done by Colli and Montinari for the philosophical comprehension of Nietzsche's philosophy in the 20th century. He thus, considers the exhaustive work with the sources of quotes from the philosopher and with annotations and letters, a lot of them new, or considered irrelevant by some researchers, or used in an arbitrary and decontextualized way, can if well organized, supply precious information to the definition of Nietzsche philosophical identity. And, for that he argues the necessity of stressing the philological activity of Nietzsche himself. He then stresses, at last, how useful is the apparatus for the organization of the nietzschean writings done by Colli and Montinari, that allowed the correction of historical mistakes of interpretation.

**Keywords:** Colli – Montinari – philology - apparatus

## referências bibliográficas

CAMPIONI, G. “Kundry che ride”. Nietzsche contra l’“idealista” Malwida von Meysenbug. In: *Da quando siamo un colloquio. Percorsi ermeneutici nell’eredità nietzschiana. Studi in onore di Carlo Gentili*. Roma: Aracne, 2011.

Campioni, G.

NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Berlin/New York: de Gruyter, 1988, 15v.

\_\_\_\_\_. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe (KSAB)*. Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter & CO., 1986. 8v.

Artigo recebido para publicação em 08/09/2012.

Artigo aceito para publicação em 15/10/2012.